



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

IVANILDO FELIX DA SILVA

Múltiplas leituras acionadas pelo gênero CHARGE

GUARABIRA – PB

2016

IVANILDO FELIX DA SILVA

Múltiplas leituras acionadas pelo gênero CHARGE

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, campus III Guarabira, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

GUARABIRA – PB

2016

S586m Silva, Ivanildo Felix da
Múltiplas leituras acionadas pelo gênero charge [manuscrito] /
Ivanildo Felix da Silva. - 2016.
25 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Iara Ferreira de Melo Martins,
Departamento de Letras".

1.Gênero Textual. 2.Texto Discursivo. 3.Charges. 4.Leitura.
I. Título.

21. ed. CDD 028

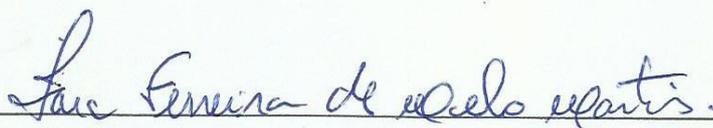
IVANILDO FELIX DA SILVA

Múltiplas leituras acionadas pelo gênero CHARGE

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, campus III Guarabira, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

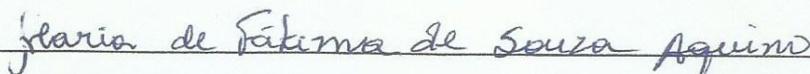
Orientadora: Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

Aprovado em 18 / 10 / 2016



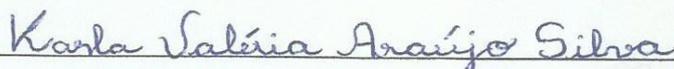
Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins / UEPB

Orientadora



Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino / UEPB

Examinadora



Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva / UEPB

Examinadora

Múltiplas leituras acionadas pelo gênero CHARGE

SILVA, Ivanildo Felix da¹

RESUMO

Sabemos que a leitura é uma prática importante na vida de qualquer pessoa. Este trabalho, dentro de uma perspectiva sociointeracionista, tem como objetivo analisar charges, especialmente com temas Olímpicos, observando os elementos característicos como a ironia, o humor, a intertextualidade e a crítica social etc., que são comuns ao gênero charge. Apresentaremos, inicialmente, as concepções e perspectivas da leitura, também discutiremos o que é gênero textual/discursivo e suas funcionalidades no meio sociodiscursivo, e para isso utilizamos, como suporte teórico, os autores Bakhtin (2003), Marcuschi (2007), Dell'isola (2012), Dolz e Schneuwly (2004), Koch e Elias (2007). Buscamos, ainda, discorrer sobre a origem do gênero charge, apresentando suas características e sua importância para o leitor na construção de sentido. Procuramos, igualmente, apresentar como o conhecimento prévio do leitor é fundamental para a compreensão do texto chargístico. Para tanto, Romualdo (2000), Kleiman (2004) e Soares (2000) entre outros nos deram embasamento teórico. A metodologia usada, neste artigo, foi a qualitativa de caráter descritivo/interpretativo. Após as análises dos textos das charges com temas Olímpicos, comprovamos que os elementos intertextuais, irônicos, humorísticos e críticos são fatores determinantes para que esse gênero alcance seus propósitos na nossa sociedade.

Palavras-chave: Gênero Textual/Discursivo. Charges. Leitura.

1. INTRODUÇÃO

É comum no dia a dia da nossa sociedade, nos depararmos com textos que abordam assuntos atuais ocorridos em nosso país, como as Olimpíadas, realizadas, este ano, no Rio de Janeiro. Assim sendo, vemos surgir as charges como um gênero extremamente importante para retratar as críticas às olimpíadas, visto que é um meio muito propício para ironizar, criticar e humorizar as relações sociais transcorridas no nosso ambiente cotidiano.

Neste trabalho, nosso objetivo geral é analisar charges diante de seus múltiplos sentidos, identificando seu caráter irônico, humorístico e crítico, observando que o autor

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Campus III
E-mail: ivanildoristao@yahoo.com.br

do texto, por meio deste, procura interagir com o leitor, tornando-o participante da construção dos significados e um coautor do mesmo.

A escolha do tema se deu pela importância que as charges representam para a sociedade devido à fácil acessibilidade de conteúdos representando uma ferramenta muito utilizada para persuadir o público, já que a charge é um gênero textual que possui muitas características em especial o caráter irônico, humorístico, crítico e intertextual.

Como objetivos específicos, pretendemos identificar o gênero charge como um gênero maleável, que abrange múltiplos sentidos, destacando sua importância e contribuição na sociedade enquanto recurso comunicativo de interação social.

Neste artigo, utilizamos alguns teóricos como Romualdo (2000), Espindola (2001) e Magalhães (2006), como leituras para embasamento a respeito da história e evolução da charge, suas características e especificidades. Bakhtin (2003), Kleiman (2004 e 2008) e Marcuschi (2006 e 2008) no tocante à leitura voltada à interação autor/texto/leitor, a intertextualidade, a ironia, o humor e a crítica.

No aspecto metodológico, o trabalho tem natureza qualitativa, uma vez que as charges escolhidas são analisadas em contextos diversos, concordando-se com a afirmação de que “[...] a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados” (GÜNTHER, 2006, p.202).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O QUE É LEITURA?

Embora a leitura esteja presente nas mais diversas atividades humanas do cotidiano, defini-la não é uma tarefa simples, uma vez que ao longo do tempo surgiram diversas percepções sobre leitura. Apresentaremos algumas concepções de leitura a fim de nos situarmos melhor no assunto, proposto neste artigo.

A concepção de leitura conhecida como decodificadora, predominante entre os anos de 1930 e 1960, consiste na perspectiva de que o leitor é um mero espectador do texto, que busca encontrar o entendimento do mesmo por meio do significado de cada vocábulo ou, ainda, de cada unidade gramatical. Isto é, o leitor tenta extrair o sentido do texto escrito ou impresso usando a decodificação do código escrito, pois o sentido já está inserido no conteúdo presente apenas no texto, não tendo, portanto, a participação do leitor nessa construção de sentido, porque “[...] decodificar é apenas obter a

informação visual que vem pelo globo ocular diante da página impressa” (DELL’ISOLA, 1991, p. 31).

De acordo com Gough (1972), os leitores entendem letras e palavras, dentro do texto de maneira completa e de forma sistemática, sendo eles recipientes passivos de informação e meros reprodutores daquilo que está escrito ou impresso. Ou seja, o leitor, mesmo com seu conhecimento de mundo, não intervém na produção do sentido textual, porque o próprio texto já lhe atribui o sentido em seu processo de construção.

Outra concepção de leitura é a psicolinguística que, em oposição ao modelo anteriormente apresentado, expõe a existência de uma relação entre leitor/texto que dá a liberdade ao leitor de atribuir sentido aquilo que leu e não apenas extrair sentido, como apregoa a concepção supracitada. Entende-se, portanto, que o significado do texto encontra-se na mente do leitor. Essa concepção dá ênfase não apenas as pistas textuais, mas ao conhecimento do leitor, que será acionado a partir da leitura. Assim, cada sujeito/leitor poderá realizar diferentes leituras do mesmo texto e, conseqüentemente, obter entendimento variado sobre ele. Percebe-se, então, que o objetivo da leitura, nessa perspectiva, é a compreensão que o leitor terá do texto.

Por esta razão, este modelo de leitura também conhecido como “descendente” procura valorizar questionamentos que vão depender das perspectivas, experiências e posicionamento do leitor sobre determinado assunto.

Optamos, neste artigo, por abordar a concepção de leitura sociointeracionista, a qual é voltada à perspectiva de que o leitor interage diretamente com o texto, sendo este um participante da construção do sentido do mesmo, por meio do diálogo entre o leitor, autor e o próprio texto, como nos afirma Geraldí (1999, p. 91): “[...] a leitura é um processo de interlocução entre leitor, autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita”. Dessa forma, para se compreender o texto é necessário que se leve em consideração os conhecimentos adquiridos pelo leitor e o contexto, no qual os participantes da ação interativa estejam inseridos.

Por isso, a autora Soares (grifo da autora, 1991, p. 56) nos informa que:

[...] a leitura não é uma atividade de mera decodificação, em que o leitor aprende, compreende e interpreta a “mensagem” do autor, mas é processo constitutivo do texto: é na interação autor-leitor que o texto é construído, é *produzido*. Ou seja: o texto não preexiste à sua leitura, pois esta é construção ativa de um leitor que, de certa forma, “reescreve” o texto, determinado por seu repertório de experiências individuais, sociais, culturais.

Ler deixa de ser entendido, então, como um mero elemento de extração e atribuição de sentido, para ser compreendido com um ato interacional abrangendo autor e leitor através da construção textual.

Ainda sobre a leitura, numa perspectiva de interação entre os interlocutores do texto, Orlandi (1983, *apud* Neder e Possari, 2001, p. 18) afirma que “[...] a leitura não é simples decodificação de sinais, mas a busca de significações marcadas pela interlocução entre autor e produtor do discurso”. Neste sentido, há estímulo da compreensão textual, estabelecido por um sujeito que vai interferir diretamente no conteúdo, se posicionando de forma crítica diante daquilo que foi exposto.

Assim sendo, o leitor deixa de ser um mero expectador do texto e passa a ter a liberdade de levantar questionamentos e fazer suas reflexões a partir do que lhe é exposto no texto. Segundo Foucambert (1997), o ato de ler, em qualquer circunstância, é o meio de interrogar a escrita, saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. A leitura não é a simples transmissão de uma mensagem, mas uma construção induzida. Ler é, portanto, ser interpelado não apenas pelo mundo, mas também por si mesmo a fim de se chegar a um entendimento próprio daquilo que leu.

Ainda tendo a leitura como o ato de refletir e de questionar o mundo a sua volta, Infante (2000, p.57) diz que a leitura “[...] é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”. Ou seja, é pelo hábito da leitura que ganhamos os meios pelos quais nos tornamos seres reflexivos e críticos do mundo ao nosso redor.

Solé (1998) entende que a leitura envolve de maneira interativa o leitor e o texto. Ou seja, é admitida a presença de um indivíduo/leitor funcional que vai refleti-lo, retirando informações que atendam seus propósitos. Kleiman (2008) reforça a ideia de interatividade entre leitor e texto ao afirmar que a leitura é um processo interativo, pois se acionam e interagem os diversos conhecimentos prévios – linguístico, textual e de mundo – do leitor a todo o momento para chegar-se a compreensão do que se lê. Assim sendo, o leitor construirá seu próprio saber a partir do sentido proposto pelo autor, não sendo uma mera cópia desse.

Perante tais declarações, parece evidente que a leitura deve ser compreendida como processo e não como produto (NUNES, 2002) porque o texto “[...] não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” (KLEIMAN, 2004, p. 36), uma vez que

ele, empregando o seu conhecimento de mundo, relaciona-se com a informação existente no texto a fim de chegar a uma compreensão.

Apresentamos a definição de leitura de Soares (2000, p. 18), a fim de sintetizar os pressupostos supracitados:

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros.

Percebemos então que o conceito de leitura é bem mais amplo do que a simples decodificação, pois, de acordo com Koch e Elias (2007, p. 11), a leitura de um texto “[...] exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação a ser decodificado por um receptor passivo.”. Ou seja, ler não é, pois, um processo fechado, no qual o sujeito é passivo, mas sim um processo dinâmico e social, consequência da interação das informações presentes no texto e o conhecimento prévio do indivíduo/leitor, proporcionando assim a construção do sentido, ou, por que não dizer, a compreensão do texto.

2.2 O QUE É GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO²?

O termo gênero é entendido, de forma etimológica, como significando família, raça ou conjunto de seres guarnecidos de características comuns, de acordo com Cadore (1996). Por esta razão, a palavra gênero sempre foi muito usada pela retórica e pela literatura identificando não só os gêneros clássicos como o lírico, o épico, o dramático, mas também os gêneros tidos como modernos da literatura – o romance, a novela, o conto, o drama etc. Torna-se evidente que hoje esse termo passou a ser compreendido como algo muito mais amplo, conforme afirma Marcuschi (2006, p 23):

Se com Aristóteles os gêneros textuais se distribuíam em três categorias e se depois passaram a dizer respeito a categorias literárias bastante sólidas que foram se ampliando e se subdividindo até entrarem em crise com a crítica do

² A terminologia utilizada na definição de gêneros apresenta algumas variações, como: “gêneros discursivos”, “gêneros do discurso”, “gêneros textuais”, “gêneros de texto”. Assim, para efeito desta pesquisa, há de se considerar, como muitos autores, indistintamente, os termos gênero textual e gênero discursivo, ambos se referindo a tipos de enunciados relativamente estáveis, que estão vinculados a situações de comunicação social.

romantismo à estética clássica, hoje a noção de gêneros ampliou-se para toda a produção textual.

De acordo com o autor, atualmente os gêneros textuais compreendem muitas e diferentes categorias. É preciso, então, dizer que os gêneros necessitam ser observados não como modelos ermos, nem muitos menos serem tidos como formas enrijecidas, mas sim como formas culturais e sociais que são introduzidas na linguagem.

O pesquisador Bakhtin (2003), que se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura, foi o primeiro a usar a palavra gênero com uma maior amplitude de sentido. Para ele, todos os textos que são produzidos, sendo estes orais ou escritos, proporcionam um conjunto de características relativamente estáveis, tendo-se ou não discernimento delas. Essas características configuram diferentes tipos³ ou gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo.

Assim sendo, o gênero textual/discursivo se concretiza como sendo tipos relativamente estáveis de proposições presentes em cada espaço de troca. Apresenta em si uma forma de composição, um plano composicional; diferenciam-se pelo conteúdo temático e pelo estilo e são elementos reais e concretos da comunicação verbal e não verbal.

Ainda dentro da perspectiva da amplitude de sentido dos gêneros, Bakhtin (2003) aprecia a multiplicidade dos gêneros textuais/discursivos e separa-os em grupos: o primeiro grupo, considerado mais simples, são os gêneros primários, que são construções espontâneas da língua, ou seja, o uso da linguagem informal é mais recorrente, tendo como exemplos cartas pessoais, bilhetes.

O segundo grupo, considerado mais complexo, são os gêneros secundários, são os que se apresentam com a linguagem mais aprofundada tais como os textos culturais, acadêmicos e ideológicos, esses mais recorrentes na modalidade da língua escrita.

Os chamados gêneros secundários perpassam e transformam os gêneros primários adquirindo características próprias. O romance, por exemplo, é uma conversão das narrativas de acontecimentos atrelados ao dia a dia. Ou seja, os gêneros secundários podem apresentar o mesmo assunto dos primários, contudo é a complexidade que os diferenciarão ou não do tipo de linguagem usada no cotidiano.

Compreendemos então que em qualquer momento ou situação das ações humanas no cotidiano, nas quais existam como mediador o discurso, somos levados a

³ Abordaremos mais sobre os tipos textuais nas próximas páginas.

utilizar um determinado de gênero, uma vez que, segundo Dell’isola (2012, p. 17), “[...] os gêneros estão presentes em todas as circunstâncias da vida em que as ações humanas são mediadas pelo discurso.” Assim, cada povo, grupo ou comunidade carrega consigo um repertório de gêneros que serão usados como guias na construção de enunciados comunicativos e que serão selecionados consoante as carências dos sujeitos nas interações no dia a dia.

Entendendo que os gêneros textuais/discursivos estão em constante interação com o social, torna-se impossível não adentrarmos na contemplação do contexto, já que cada gênero se faz presente dentro de um espaço contextual. É o que podemos ver na fala do linguista e professor Maingueneau (2004, p. 57) que conceitua gênero como sendo um “[...] tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, que possui: uma função específica, uma organização retórica mais ou menos típica e é inserido em um determinado contexto”.

Seguindo essa concepção, se compreende que os gêneros são textos que contém uma forma estável, não importando seu universo ou em que condições foram desenvolvidos, estes são possuidores de características e apresentam funcionalidades particulares.

Assim, sempre que se tenta estruturar conceito de gênero textual é recorrente surgir uma confusão sobre as definições de gêneros textuais e tipos textuais. A fim de diferenciar gênero e tipo textual usaremos os conceitos propostos por Marcuschi (2007, p. 3): “Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição”.

Dessa maneira, os tipos textuais são definidos por características linguísticas e formam um grupo teoricamente pequeno, temos como exemplos de tipos textuais: narração, argumentação, descrição, exposição e injunção. Por outro lado, os gêneros textuais são definidos como “[...] os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2007, p. 4).

Os gêneros perpassam as características linguísticas para adentrar na funcionalidade comunicativa da língua e enquanto encontramos um número pequeno de tipos textuais os gêneros são inúmeros e até difíceis de ser rigorosamente contabilizados. Dessa forma, não podemos confundir o pequeno contingente de tipos textuais com a infinidade de gêneros usados nas interações do cotidiano.

Para Dolz e Schneuwly (2004, p. 23), o gênero textual/discursivo é um instrumento utilizado como mediador de interações verbais entre sujeitos sociais. A esse respeito os autores explicam:

Há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/escrever), numa situação por uma série de parâmetros coma ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos.

Logo, os gêneros textuais/discursivos são recursos utilizados como mediadores em situações de comunicação nas quais os sujeitos enunciadorees constroem suas proposições obedecendo à forma e o conteúdo apropriados a cada contexto.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 21), nessa linha de pensamento, propõem que o gênero é um instrumento que, na perspectiva sociointeracionista, é tratado como uma atividade tripolar na qual “[...] a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências das gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam as experiências possíveis”. Tendo como fator mediador o gênero textual/discursivo escolhido por motivos convencionais que são passados através das experiências das gerações passadas, podemos entender que os enunciados são construídos com a participação efetiva de três extremidades ou polos. Dessa forma, os dois sujeitos envolvidos na interação social, ou seja, o enunciador e o receptor e o próprio enunciado.

A partir das proposições, percebemos que os gêneros textuais/discursivos estão presentes em todas as esferas comunicativas em que são proferidos os enunciados, sejam eles orais ou escritos. Os gêneros/discursivos são delimitados por características próprias e utilizados em contextos apropriados. Seu estudo, portanto, é uma ferramenta bastante eficaz na formação de indivíduos/leitores competentes bem como na ampliação de sentidos em meio às situações comunicativas do cotidiano.

2.3 O QUE É CHARGE?

A charge é uma representação gráfica da notícia sob a perspectiva de quem a desenha, buscando, de forma humorística e sarcástica, criticar os fatos específicos do cotidiano, especialmente em momentos sociais e políticos atuais. Por ser composta tanto pela linguagem verbal quanto pela linguagem não verbal, e ainda absorver a caricatura

dentro de seu ambiente ilustrativo, esse gênero torna-se muito atraente a todas as faixas etárias.

Torna-se imprescindível destacarmos neste trabalho outros gêneros gráficos, os quais constituem uma família relativamente grande e que correspondem aos cartuns, as tirinhas, as Histórias em Quadrinhos - HQs e as caricaturas etc. Apesar de apresentarem semelhanças com as charges esses possuem características bem peculiares, isto significa que cada uma apresenta estilo e funções diferentes.

[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação [...] todos os gêneros tem uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. (MARCUSCHI, 2008, p.150)

O gênero cartum é normalmente confundido com a charge por apresentar um único quadro e também o humor que é recorrente em ambos, contudo, diferem quanto à temporalidade e ao fato que está sendo apresentado. Isso acontece porque enquanto a charge baseia-se em fatos reais ou em personagens reais que estão relacionados a acontecimentos políticos, econômicos, culturais, sociais etc., o cartum apresenta assuntos mais gerais e universais não apresentando um caso ou uma pessoa de modo específico, fazendo com que ele dure mais tempo do que a charge, no tocante à compreensão. Quanto à linguagem, é possível visualizar a presença dos dois tipos, tanto a verbal quanto a não verbal.

Já na caricatura, que está presente também nas charges, a diferença reside na forma e na intenção porque procura fazer a representação de uma pessoa de forma exagerada e marcada tanto fisicamente quanto psicologicamente. A caricatura vai se assemelhar à charge no tocante ao conhecimento prévio que o leitor precisa ter sobre a pessoa que está sendo retratada (RIANI, 2002).

As Histórias em Quadrinhos e as tirinhas também estão relacionadas. Aquelas apresentam-se como narrativas maiores com enredos, personagens principais e têm como suporte os gibis, revistas em quadrinhos ou mangás – quadrinhos japoneses e são lidas da direita para a esquerda, isto é, de trás pra frente –; as tirinhas, por sua vez, são sequências mais curtas e que variam de três a cinco quadros, são encontrados normalmente em jornais e por isso apresentam uma narrativa mais curta que as HQs e podem ser cômicas ou críticas. Ambas são construídas com o uso de balões que

representam as falas das personagens e, para o narrador, o balão fica na parte superior do quadrinho (RIANI, 2002).

A charge, finalmente, caracteriza-se por apresentar uma visão crítica de um momento sócio-político específico. O vocábulo charge significa “carga, exagero, ataque” e tem sua origem na língua francesa no século XIX. Ela traz uma representação da realidade do dia a dia e tem, segundo Espíndola (2001), a função de criticar situações cotidianas da vida política e social de uma sociedade por meio do humor gerado pelos mais diversos recursos linguístico-discursivos. Por isso, para que haja a compreensão da mensagem dentro deste tipo de texto, devemos observar o contexto sócio-político no qual ela foi construída.

De acordo com Teixeira (2005, p.12), a charge é ainda “[...] um instrumento de reflexão e fonte de pesquisa, [...] um produto cultural produzido sob condições históricas definidas, num tempo e espaço socialmente determinados”. Isto é, a existência desse gênero gráfico evidencia-se apenas em determinados momentos da sociedade o que o torna temporal e perecível. Mesmo assim, a charge propicia a interdisciplinaridade e pode tornar-se um excelente recurso de conscientização no exercício da cidadania.

Ainda sobre a temporalidade da charge e sua relevância, a autora Silva (2004) revela esse gênero como sendo um:

Tipo de texto que tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. A charge será alvo do estudo por trazer em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, pra atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. (p. 13)

De acordo com a citação, observamos que a charge está conectada à necessidade que o sujeito tem de fazer críticas àquilo que está acontecendo no seu cotidiano. Por isso, faz-se necessário que o leitor chargístico esteja em sintonia com os acontecimentos para que o entendimento torne-se completo e favorável, uma vez que a leitura deste gênero produz muitos efeitos de sentidos nos leitores ou interlocutores, os quais podem ser analisados sob múltiplos pontos de vista, dependendo, portanto, da opção religiosa, política, social e o conhecimento de mundo que cada leitor possui.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa de caráter descritivo/interpretativo. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, porque busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, pretendemos compreender os fenômenos sob a ótica dos sujeitos envolvidos. Numa pesquisa qualitativa, procuramos, num determinado período e num determinado ambiente, de forma precisa e detalhada, registrar os fenômenos para, em seguida, interpretá-los e analisá-los.

As quatro charges que são analisadas neste artigo foram extraídas entre maio de 2016 e agosto de 2016, período em que o Brasil estava efervescente devido ao clima Olímpico que havia tomado conta do país. Clima eufórico que foi aumentado com a chegada da Tocha e da chama Olímpica recebida pela então presidente Dilma Rousseff, e que deveria passar por mais de trezentas cidades do país, antes da chegada ao Maracanã, palco da abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos. Ainda neste período, devido à grande instabilidade política e econômica no Brasil, muitas especulações surgiram sobre os locais de competição, como a Baía de Guanabara onde seriam realizados alguns eventos dentro das seguintes modalidades: canoagem e barco à vela.

As duas primeiras charges analisadas foram extraídas do blog “Arte e manhas da língua” da professora Andreia Dequinha do Rio de Janeiro. Porém, as charges foram publicadas em dias distintos e por autores diferentes, sendo a primeira em 07 de agosto de 2016 do autor Héctor Salas e faz críticas ao futebol Olímpico masculino em relação ao futebol feminino que apresentava um futebol bonito e convincente. E a segunda em 11 de julho de 2016 do autor Paulo Werner, na qual, é apresentado o clima de violência e insegurança vivenciado pelos condutores da Tocha Olímpica na Cidade Maravilhosa.

A terceira charge foi extraída do site: blogs.lance.com.br, do chargista Mário Alberto, e foi publicada no dia 04 de agosto de 2016. Nela, o autor por meio de uma charge praticamente não verbal, faz uma crítica à poluição da Baía de Guanabara que receberia alguns dos Jogos Olímpicos, pois, mesmo diante de muitas promessas para despoluição daquelas águas, quase nada foi feito e os atletas tiveram que enfrentar mais esse descaso dos políticos brasileiros.

A charge quatro nos remete a dois momentos do Brasil: o primeiro, de uma prosperidade financeira estável; a segunda, de um momento de queda de arrecadação, deixando muitos cidadãos sem emprego e, conseqüentemente, sem dinheiro. Tudo isso

dentro do período Olímpico brasileiro. A quarta charge foi publicada em 04 de maio de 2016, criada pelo chargista Sinfrônio e extraída do site: votodireto.com.br.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Vamos fazer a análise de quatro charges que tratam de um único tema, os Jogos Olímpicos Rio 2016, mas que expressam problemas sociais diferentes que espelham a realidade vivida no Brasil. Notaremos que os recursos verbais e/ou não verbais contidos nas charges, em suma, são empregados com intuito de ajudar, denunciar e de criticar fatos do cotidiano brasileiro. Vejamos:

I.



Fonte: <http://artemanhasdalngua.blogspot.com.br/2016/08/futebol-feminino-x-futebol-masculino.html>

O chargista expõe com um humor sarcástico, natural a esse gênero, uma problemática já muito discutida que é a questão das mulheres no futebol, uma vez que sempre houve um grande preconceito no que diz respeito à participação delas em um esporte voltado, inicialmente, para homens. Daí enxergarmos o que chamamos de machismo inveterado e enraizado na nossa cultura.

No entanto, no início das Olimpíadas Rio 2016, tivemos uma reviravolta no esporte considerado tipicamente masculino. A seleção brasileira de futebol feminino fez uma primeira fase impecável, com vitórias expressivas sobre suas adversárias, enquanto que a seleção masculina não. Por empregar um futebol bonito e bem trabalhado, as meninas foram bastante elogiadas; a seleção masculina, porém, por ter apresentado um futebol sem resultados positivos, feio e sem alegria, foi, por essa razão, muito criticada.

Assim, na charge acima, o chargista transpõe a ideia de que os homens deveriam “JOGAR FEITO MULHER”.

A leitura da charge requer, por parte do leitor, uma observação não apenas de todas as partes que a compõem, que é a linguagem verbal e não verbal, mas também de um conhecimento prévio do assunto e de mundo. O chargista deixa evidente, ao leitor, que ainda existe no país uma cultura no qual apenas os homens sabem jogar, havendo um espanto por parte de boa parte da população quando as mulheres jogam melhor, revelando melhor performance do que os homens.

O gênero charge é muito atraente ao leitor por apresentar uma estrutura composta de figuras engraçadas e imagens chamativas quanto às formas e as cores; além de possuir um humor que é uma característica típica deste gênero. Contudo, ele só existe graças à participação de quem o cria, ou seja, o chargista/humorista, para um público que, por sua vez, reage ao conteúdo, decorrendo daí uma interação entre chargista/leitor/texto, corroborando a perspectiva bakhtiniana. Para Confortin (1999, p. 83)

O leitor, quando acha graça, está participando do sentido de humor do seu autor e está fornecendo-lhe material, apelidando, caricaturando verbalmente, fazendo piadas, produzindo uma gama de cultura engraçada ou irônica; fazer humor é uma forma de lazer - é a hora em que temos liberdade e tempo para explorar valores e identidades pessoais.

É o leitor, nessa perspectiva, que vai, por meio da sua interação com o autor, ampliar e contribuir com a criação do sentido presente no texto, seja este verbal ou não verbal, tornando evidente, mais uma vez, a importância da participação do sujeito/leitor na construção do texto. Vejamos a seguir a charge 02:

II.



Fonte: <http://arteemanhasdalngua.blogspot.com.br/2016/07/vamos-refletir-mais-sobre-as-olimpiadas.html>

A Tocha Olímpica passou por diversas Regiões, Estados e Municípios do Brasil. No entanto, o chargista ao representar a passagem dela pela Cidade Maravilhosa, expõe o seu condutor dentro de um tanque de guerra. É possível perceber então uma crítica sobre a segurança pública no Rio de Janeiro, devido aos constantes confrontos entre policiais e traficantes revelando, assim, o medo de assaltados durante a condução da Tocha Olímpica pelas ruas da cidade.

A charge não se limita apenas a ironizar e criticar, mas acrescenta o cômico, isto se evidencia no contraste que há entre o primeiro e o segundo plano da charge trabalhada. No segundo plano é possível enxergar o Cristo Redentor que, com seus braços abertos, apresenta uma visão de paz e, neste caso, uma saudação de boas vindas aos atletas e turistas advindos de outros países. Por sua vez, os Arcos Olímpicos, que representam os cinco continentes e a união dos povos, não importando credo, raça ou cor, transmitem, por conseguinte, uma mensagem de esperança, paz e união.

Contrapondo-se a isso, o primeiro plano apresenta o isolamento do condutor da Tocha, a sensação de insegurança que é expressa graficamente pelo tanque de guerra, supondo a fragilidade de nossa segurança. O chargista ainda expõe ao leitor o crescimento da violência que se instala a cada dia no Rio e a falta de segurança na qual os turistas estão sujeitos quando forem prestigiar os Jogos Olímpicos RIO 2016.

Um leitor que apenas decodificar, provavelmente não terá como apreender o sentido, pois sua interpretação exige do leitor um conhecimento de mundo sobre os problemas que estão acontecendo socialmente. Um leitor letrado poderá entender qual a intenção do chargista e qual a opinião dele sobre o fato. Para Romualdo (2000, p. 5), a charge tem como característica focar uma determinada realidade, geralmente política e polêmica e o leitor só a compreenderá se partilhar dessa realidade.

Ainda sobre a compreensão da charge, Magalhães (2006, p. 19) declara que:

[...] a charge não é um texto isolado e para compreender a informação, a opinião e o humor nela contidos é necessário que o sujeito leitor esteja atento aos fatos correntes na nossa sociedade, acompanhando por meio de diferentes suportes (jornal, revista, internet) os últimos acontecimentos.

Ou seja, é importante que o leitor esteja informado sobre aquilo se passa ao seu redor e no mundo, pois assim ele estará apto a fazer uma boa interpretação do gênero charge, captando as críticas e os significados que as Olimpíadas passam, que é de paz,

respeito e união entre os povos e que destoa do contexto social do Rio de Janeiro, onde prevalece o medo, a insegurança e a violência. A seguir, analisaremos a terceira charge.

III.



Fonte: <http://blogs.lancenet.com.br/charges/tag/olimpiadas-rio-2016/>

A charge acima está impregnada de informações predominantemente visuais, a começar pelas águas aparentemente limpas. Em seguida é possível perceber a composição do símbolo dos Jogos do Rio 2016 formado por diversos entulhos, pneus, sacos plásticos e garrafas, que são diariamente despejados na Baía de Guanabara-RJ pela rede de esgotos. Depois, formado da mesma maneira, por lixo, aparece o nome da cidade sede dos Jogos Olímpicos, a Cidade Maravilhosa.

Diante da escolha da cidade do Rio de Janeiro para sediar um dos maiores eventos esportivos do planeta, Os Jogos Olímpicos, várias promessas do governo do Rio, de melhorias de infraestrutura, mobilidade urbana, foram feitas. Entre outras tantas, estava a promessa da despoluição de 80% das águas da Baía de Guanabara até o início dos Jogos, este, sem dúvida, seria um dos maiores legados das Olimpíadas para aquele Estado.

Mas, a partir da leitura da charge, fica evidenciado ao leitor que o tratamento, prometido ao local, não foi o suficiente para que a despoluição das águas da Baía de Guanabara fosse efetuada, o que causou muitas preocupações aos velejadores dos diversos países que aqui competiriam naquelas águas.

O chargista revela ainda ao leitor, por meio da sua construção, uma denúncia socioambiental e uma crítica à cultura, quase que institucionalizada no país, de que os

políticos apenas fazem promessas, mas que não cumprem o que prometem, e a Baía de Guanabara, cartão postal da Cidade Maravilhosa, continuou imprópria para a realização dos Jogos, expondo, internacionalmente, o desrespeito e o abandono das nossas autoridades com as questões ambientais do País.

O gênero charge é uma representação gráfica de alguma notícia, apresentando sempre uma crítica sobre a perspectiva do chargista. Ela nem sempre vem associada à linguagem verbal, mas consegue transmitir o significado retratado pelo autor a uma realidade dentro de um contexto. E é isso que acontece com a charge acima.

Na charge III, mesmo com o predomínio da linguagem visual, por meio das águas da Baía e o símbolo dos Jogos RIO 2016, percebemos a presença da linguagem verbal através do nome da cidade sede. O uso desses elementos constituintes da charge é explicado por Romualdo (2000, p.28), quando ele diz que “[...] o texto chárstico pode apresentar também justaposição dos códigos verbal e visual, que se auxiliam, se completam ou se contrapõem na busca da produção do sentido pretendido”. Isto é, o emprego desses elementos linguísticos é relevante, pois ajudam e colaboram para que exista melhor percepção do leitor, no que diz respeito à construção de sentido. Passemos, então, para análise da última charge.

IV.



Fonte: <http://votodireto.com.br/fotonews/Charge-Sinfronio-Dilma-e-as-olimpiadas>

A charge IV procura abordar dois momentos distintos vivenciados no nosso país. O primeiro momento foi à conquista para sediar um dos maiores eventos esportivos do planeta, os Jogos Olímpicos. Para isso o país superou concorrentes, como a cidade de Chicago, que foi representada pela pessoa do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Naquele momento, o Brasil vivia uma situação financeira promissora. O segundo momento aborda um dos piores declínios econômicos da história já vividos pelos cidadãos brasileiros, devido ao alto grau de corrupção no Governo Federal e aos grandes rombos financeiros na principal Indústria Estatal do país, a PETROBRAS, a fim de cobrir gastos de campanhas eleitorais no governo de Dilma Rousseff para o segundo mandato.

Assim sendo, duas leituras são possíveis, a partir da charge IV. Na primeira, observamos que, na entrega da Tocha Olímpica, há uma alegria vívida expressada pela então Presidente da República Dilma Rousseff com a fala: “Tô me sentido na Grécia!!”, pois, como é sabido, Os Jogos Olímpicos tiveram sua origem nesse país, daí a presidente ter expressado a sensação de estar no berço das Olimpíadas.

A segunda leitura, ainda no mesmo cenário, é identificada a partir de um cidadão que, notadamente, está incomodado com a situação financeira na qual o Brasil enfrenta. Para demonstrar tal incômodo e desapontamento com a fala da Presidente, arregança os bolsos da calça e ironicamente utiliza-se da expressão: “Eu também!!”. É notório aqui, que o cidadão não está se referindo ao prazer de estar no país que deu origem aos Jogos Olímpicos, mas sim a uma grave crise financeira enfrentada pela Grécia no final do ano de 2009 e o início de 2010, devido aos gastos excessivos e a corrupção, o que fez com que ocorresse um esvaziamento dos cofres públicos deixando a população sem dinheiro, assemelhando-se, então, à situação do Brasil.

A charge analisada apresenta em sua composição a crítica sobre um momento específico que foi as Olimpíadas no Brasil, por isso o autor Romualdo (2000, p.21) diz que ela deve ser entendida como “[...] um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”.

Portanto, nessa perspectiva, entendemos que, por se tratar de um gênero temporal, o conhecimento do contexto social, político, cultural e por que não dizer intertextual presentes na charge, é de extrema importância para que o leitor consiga compreendê-la dentro dos sentidos propostos pelo autor.

Segundo Kleiman (2004), não existe um sentido apenas dentro do texto, mas vários, podendo ser procedentes da ideia, a qual o autor tentou suscitar, e como o leitor, a partir de sua percepção, foi eficiente em absorver o conteúdo transmitido pelo autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é de suma importância na vida do indivíduo porque permeia o processo de desenvolvimento do senso crítico, na formação de opinião, potencializando as capacidades intelectuais, uma vez que atua sobre a formação de capacidades cognitivas, sociais, culturais e discursivas do indivíduo. Portanto, ler é obter conhecimento. Dominar o hábito da leitura é ter acesso às informações que estão ao nosso redor constantemente, sem as quais se torna difícil a interpretação e a compreensão de determinados textos.

A escolha do trabalho com as charges se deu não só pela relevância comunicativa que esse gênero representa para a sociedade, mas também pelo fato de, por utilizar vários recursos, acionando múltiplos significados, atrair mais facilmente o leitor.

É importante ressaltar que nosso objetivo geral foi alcançado quando analisamos as charges políticas, com foco nas Olimpíadas, revelando seus múltiplos sentidos, identificando seu caráter irônico, humorístico e crítico, expondo, também, que o autor do texto utilizou recursos linguísticos textuais e argumentativos como a intertextualidade.

Da mesma forma, obtivemos êxito com os objetivos específicos, porque identificamos como o gênero charge é um gênero maleável, de múltiplos sentidos, destacando sua importância e contribuição na sociedade enquanto recurso comunicativo de interação social. Exemplificamos isso a partir das análises das quatro charges políticas voltado aos Jogos Olímpicos: na primeira charge o autor, utilizando-se da ironia e do humor, cria o texto a partir de um acontecimento público a fim de criticar uma visão machista em relação ao futebol feminino, que havia apresentado um excelente futebol, na primeira fase do campeonato Olímpico. É importante observar que o uso dos recursos linguísticos, como a ironia, está bem latente como pretendíamos demonstrar nas análises.

Na charge três, o chargista utilizou-se apenas da linguagem não verbal, permitindo ao leitor acionar seus conhecimentos prévios, uma vez que o recurso da

intertextualidade se fez presente na charge, levando o leitor a ir além do desenho e chegar a diversos entendimentos como o caso da violência desenfreada no Rio de Janeiro.

Na última charge, os recursos linguísticos tais como a ironia, o humor e a intertextualidade são também acionados pelo autor, requerendo do seu leitor não apenas um conhecimento sobre os assuntos referentes ao Brasil, mas também um conhecimento de mundo, referente ao que acontece fora do país.

Podemos concluir que conseguimos demonstrar que a charge é um texto carregado de intertextualidade, como inicialmente pautamos, visto que o gênero recorre a outros textos para construir sentidos. Constatamos ainda que os gêneros são importantes ferramentas comunicativas para a sociedade e as charges, especificamente, são instrumentos comunicativos maleáveis e dinâmicos e que produzem um efeito temporal extremamente forte como aqui revelado.

ABSTRACT

We know reading is an important practice in the life of any person. This article, in a socio-interactionist perspective, it aims to analyze political cartoons, especially about Olympic themes, attending to the particular features that are common to political cartoons genre such as irony, humor, intertextuality, social criticism, and so on. Initially present the views and perspectives of reading. Also discuss what is the text and discourse genre, its features in a socio-discursive environment, and for this use, the authors who give theoretical support are Bakhtin (2003), Marcuschi (2007), Dell'isola (2012), Dolz and Schneuwly (2004), Koch and Elias (2007). We seek to discuss also about the origin of the genre political cartoons, with their characteristics and their importance to the reader in the construction of meaning. We seek likewise to show how prior knowledge of the reader is critical to understanding the political cartoons. Therefore, Romualdo (2000), Kleiman (2004), and Smith (2000). Among others gave the theoretical basis. The methodology used in this article was a qualitative with descriptive/interpretative character. After analysis of the cartoons with Olympic themes, we proved that the intertextual elements like irony, humor, and critical are determining factors for this genre obtain their purpose in our society.

Keywords: Text and Discourse Genre; Cartoons; Reading.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CADORE, Luís Agostinho. **Curso prático de Português**. Programa Completo. 2º grau. 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.

CONFORTIN, Helena. Leitura do humor na mídia, in: BARZOTTO, V. & GHILARDI, M. I. (orgs.). **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil, 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. IN: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Gêneros textuais [recurso eletrônico]: o que há por trás do espelho?/** organizadora: Regina Lúcia PéretDell'isola. – Belo Horizonte FALE/UFMG, 2012.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sócio-cultural**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1991.

ESPINDOLA, Lucienne. **A charge no ensino da língua portuguesa**. Letr@ Viv@ UFPB. 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GERALDI, João Vanderley (org). **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 1999.

GOUGH, P. B. One second of reading. In: KAVANAGH, J. F; MATTINGLEY, I. G. (Eds.) **Language by ear and by eye**. Cambridge, MA: MIT Press, 1972, p. 331-358.

GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, pp. 201-210, mai./ago., 2006 – UnB.

INFANTE, U. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 3.ed. Campinas – SP: Pontes, 2008.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9.ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, M. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: SCIR, M; GAYDECZKA, B; SIEBENEICHEI, K. (org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análises de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES, A. P. **Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o governo Lula: os domínios do interdiscurso.** 2006. 246 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/apmagalhaes.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 3aed. São Paulo: Cortez, 2004.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli e POSSARI, Lúcia Helena Vendrúsculo. **Linguagem (o ensino, o entorno, o percurso).** Fascículo 4. Cuiabá: EDUFMT, 2001.

NUNES, B. R. S. S. **Leitura em língua inglesa: a resolução colaborativa de exercícios de compreensão textual.** 2002. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... tá rindo do quê?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba/SP: Editora Unimep, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo.** T Maringá: Eduem, 2000.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas disciplinares.** São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

SOARES, M. Prefácio. In: DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural.** Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1991.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula.** Pelotas, RGS: UFGS, 2004.

TEIXEIRA, L. G. S. **Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.